

Profecia: Segurança Nacional e Evangelização Protestante

Gerd Uwe Kliever

“É no campo moral e espiritual que reside a mais profunda crise do mundo contemporâneo, razão maior da insegurança generalizada entre as Nações e dentro das próprias comunidades nacionais” (1).

“Atentai para o mundo à vossa volta, mundo em evidente fase de transição...; mundo conturbado pela violência, desrespeito aos mais sagrados valores e ambição desmedida; e cujas crises sociais, econômicas e políticas refletem, antes de tudo, falha de princípios morais e a falta de caráter(2)”.

Estas frases bonitas bem poderiam ter sido tiradas da palestra de um evangelista, da prédica de um pastor evangélico e não soariam mal, também, da boca de um membro da hierarquia católica. Frases deste tipo aparecem em revistas de cunho religioso, em periódicos teológicos, em palestras no Rotary ou Lions. Não posso negar que, às vezes, eu mesmo me flagro usando esse jargão. Mas, dessa vez, não são minhas as afirmações acima. A primeira foi tirada do livro de José Alfredo Amaral Gurgel, *Segurança e Democracia*, – ele cita, me parece, um documento de estudo da ESG – : a segunda é tirada do discurso de despedida de um general, na ocasião da entrega do seu cargo ao sucessor. O referido general sem dúvida foi bom aluno da Escola Superior de Guerra, lugar onde é desenvolvida, e discutida a Doutrina da Segurança Nacional (DSN). É essa Doutrina que orienta, desde 1964, ou já bem antes, o exercício do poder no Brasil, e quem quiser pensar, discutir sobre ideologia e poder no Brasil, a terá como um dos pontos de partida mais frutíferos.

Tentemos, em breves traços, uma caracterização dessa ideologia:

(1) José Alfredo Amaral Gurgel, *Segurança e Democracia*, (Rio de Janeiro, 1975), pág. 135.

(2) *Correio do Povo*, 25 de janeiro de 1980.

1. UMA IDEOLOGIA ABSOLUTA:

A DSN pretende ser uma doutrina racional e científica que não lança mão de utopias e recursos místicos de explicação. Fato é que ela é, muitas vezes, flutuante nos seus conteúdos, que podem mudar de ênfase no decorrer dos anos, dependendo da conjuntura política e econômica nacional e mundial. Mas observa-se que ela mantém as suas características essenciais através dos anos. A DSN se orienta nos Objetivos Nacionais (ON). São estes interesses e aspirações vitais para a existência da Nação, como integridade nacional, progresso, soberania, paz social etc. Como são propostos esses objetivos? Reza a DSN: "...o estabelecimento dos Objetivos Nacionais resulta de um processo harmônico de interação, entre o povo e a elite dirigente, comportando a análise dos interesses e aspirações deste povo, através do seu comportamento histórico e a consideração racional de suas tendências e ideais."(3). Consulta-se o "Caráter Nacional" e os "atributos próprios da população", "o Homem" (mas não os homens), "a Terra", "as Instituições" (as maiúsculas são indicadores do absoluto) para, nessa base, estabelecer os ON. Quem consulta? As elites. É esta a função das elites: descobrir, definir e interpretar os Objetivos Nacionais. E, através da realização desta função elas se qualificam como elites. Observe-se que a consulta acima mencionada não é direta. Ridicularizando um pouco, as elites observam o povo, suas atitudes, tradições, necessidades, compilam as observações e deduzem delas os objetivos que esse povo tem. Pergunta-se: E por que não deixar definir o próprio povo quais os seus objetivos?

É que os Objetivos Nacionais não são estabelecidos pelo povo. Eles surgem num plano superior, no reino do absoluto (do "espírito absoluto" deveríamos dizer com Hegel), e o povo não alcança esse plano. O povo não sabe o que é bom para ele, a elite sabe, pois ela se legitima como tal através da sua "associação com os Objetivos Nacionais" (não com o povo). Os Objetivos Nacionais estão acima dos objetivos das pessoas, da gente, do operário.

Evidencia-se, assim, quão perto está a DSN do absolutismo. Os ON podem ser definidos contra a vontade do povo (ignorante), contra os interesses da maioria, contra as necessidades reais das pessoas. E o mais comum, provavelmente, é que a elite, ao auscultar a Nação quanto aos seus objetivos, dê expressão aos seus próprios interesses, camuflando-os como objetivos da coletividade.

(3) José Alfredo Amaral Gurgel, op. cit., pág. 69.

Uma doutrina baseada no absoluto não admite contestação. É autoritária por natureza. Sendo dona da verdade, fora dela só pode haver erro. Conseqüentemente, os que nela acreditam, são intolerantes. Dispostos a arrasar, passar por cima dos outros. Dispostos a santificar os meios pelo fim. E a história recente mostra: os Objetivos Nacionais justificam tudo – torturas, mentiras, corrupção, napalm em Vietname, Watergate...

A verdade absoluta é imutável. Os Objetivos Nacionais são permanentes – ONPs; (há também os Objetivos Nacionais Atuais – ONAS – que são intermediários). São portanto quase que incontestáveis e intransformáveis.

2. UMA IDEOLOGIA REACIONÁRIA:

Surgida nos EEUU, a DSN é uma reação à ameaça das estruturas econômicas capitalistas pela expansão da ideologia marxista. Ela nasce, portanto, como resposta a um novo projeto de sociedade, a sociedade comunista, em defesa da velha sociedade capitalista. A DSN não precisa, por conseguinte, de um projeto, de uma utopia própria. Ela parte do que está aí, das estruturas sociais existentes, consideradas basicamente boas e em concordância com a ordem da natureza (ou de Deus). Estas estruturas podem ser aperfeiçoadas, mas não precisam ser revolucionadas. Antes de tudo, porém, têm que ser defendidas, têm que ser feitas seguras. A Segurança Nacional é a segurança das estruturas sociais existentes.

3. A SUA MOTIVAÇÃO – O MEDO:

Sendo reação a uma ameaça às estruturas sociais existentes, o medo à revolução social é a motivação mais forte da DSN. Esse medo leva os adeptos da DSN a ver o mundo ao seu redor sob o prisma da ameaça ao que é sagrado. Como diz o já mencionado general: "Dedicaí-vos em especial ao que temos de mais caro, a nossa juventude... defendendo-a intransigentemente da insidiosa agressão do tóxico mental, representado pelo marxismo ateu que o comunismo internacional, através de seus ativistas profissionais e inocentes úteis tenta infiltrar na mente idealista e pura de nossos jovens, alienando valores, destituindo os princípios e subvertendo até a semântica (4). Está indicado, nestas palavras, o foco do mal: o comunismo internacional, a ideologia marxista. Tudo que surge de crítica, de dúvida, de contestação ao status é facilmente reduzido a

(4) Correio do Povo, 29 de janeiro de 1980.

este foco primordial do mal. Os estudantes e operários que reclamam são infiltrados pelos comunistas, a igreja que se coloca ao lado dos pobres, igualmente. O mundo da Segurança Nacional está cheio de comunistas e criptocomunistas, seduzidos e intoxicados ideologicamente. Surge daí, entre os adeptos da DSN, uma visão maniqueísta do mundo: De um lado o mundo da luz, da verdade, habitado por eles; um mundo basicamente bom, apesar de que haja ainda alguns óbices a vencer — o atraso tecnológico, o analfabetismo, a pobreza de certos setores da população. Do outro lado, o mundo das trevas, o comunismo internacional, que quer destruir, engolir o mundo da luz, e que, em constantes guerras psicológicas, diplomáticas e materiais, trava um combate incansável à luz. É o estado de guerra permanente, porquanto a segurança está permanentemente ameaçada. As forças, os poderes da Nação têm que ser colocados integralmente a serviço desta guerra. É a guerra total. Não é por acaso que este vocábulo recebe tanta ênfase na linguagem oficial e comercial. É guerra contra os preços, contra a inflação, contra a marginalização (ai dos marginalizados!), contra a violência (será que a violência acaba com a violência?); é economia de guerra, é o exército na rua... Guerra para garantir a segurança. Será que essa tal de Segurança Nacional não produz ela mesma o mundo conturbado, violento, decadente que ela pretende combater? Será que segurança pode nascer de guerra? Será que segurança surge da acumulação de armamentos, do aperfeiçoamento dos sistemas de repressão e controle? Com razão Comblin aponta para o fato de que na verdade os governos da Segurança Nacional produzem a insegurança; a insegurança como um sentimento coletivo e individual, que leva ao medo, à angústia... e que fomenta então a ânsia de segurança, de paz... Um círculo vicioso!

4. MANIPULAÇÃO DO PODER:

Quem quer fazer guerra precisa de poder. Poder para impor os Objetivos Nacionais. Nas mãos, ou melhor, nas cabeças dos ideólogos da Segurança Nacional tudo vira poder. Poder que deve ser manipulado em função dos Objetivos Nacionais. Fábricas, operários, militares, escolas, estudantes, instituições sociais são alinhadas, para combater o inimigo. Quem é esse inimigo? A designação genérica de "comunismo internacional" é muito vaga. Não dá para bater na cabeça desse inimigo (principalmente quando se quer manter, ao mesmo tempo, boas relações comerciais com o maior expoente do mesmo, a União Soviética). Para a prática da guerra é necessário concretizar o inimigo. Pode ser um outro país, cujos interesses se chocam com os do nosso, podem ser os países

industrializados, a OPEP, os sindicatos... A maioria das vezes, porém, se verifica que o maior inimigo da Segurança Nacional é o próprio povo, como J. Comblin mostrou com a sua análise. O povo que "não sabe", não tem "formação", o povo estúpido, seduzido, incapaz de entender a grandeza dos Objetivos Nacionais, indisposto a sofrer em nome dos sagrados alvos da Nação... Monta-se um aparelho policial que observa, controla este povo estulto e procura mantê-lo no bom caminho. O Poder que, segundo a nossa constituição, "emana do povo", é usado para oprimir este povo. Aliás, povo, na ortografia da Segurança Nacional, se escreve com minúsculas...

5. O HOMEM – UM RECURSO:

A escolha do povo como inimigo número um não estranha, se analisamos criticamente os Objetivos Nacionais. Os Objetivos colocados – democracia, prestígio nacional, progresso tecnológico, integração nacional, paz social – não visam, primordialmente, o bem dos homens, mas o bem da Nação, da indústria, do Estado. Na verdade, o que acontece é uma inversão da relação entre meios e objetivos. Se colocamos como objetivo de toda atividade coletiva e individual o bem-estar dos homens, então conceitos como democracia, progresso tecnológico, integração, paz social podem designar os meios usados para alcançar este bem-estar. A DSN, porém, coloca os meios como objetivos, como consequência lógica, o homem se torna o meio para promover esses objetivos. O homem, proclamado o fim último da Segurança Nacional, sorrateiramente é transformado em "recursos humanos", fundamento do poder econômico, e como tal sujeito à manipulação em função dos Objetivos Nacionais. Nas palavras da DSN: "A forma pela qual a Nação aplica e ordena seus ativos humanos e materiais pode determinar sua riqueza, segurança e tranqüilidade social. Fica, no entanto, caracterizada a preeminência dos recursos humanos nesse processo por valer mais a utilização eficiente desses meios, do que propriamente suas quantidades." (5). Expressamente, nessa citação, os homens são considerados "meios". Fala-se muito em "aproveitar os recursos", "classificá-los", "desenvolver o seu potencial", sempre em referência a pessoas humanas.

Não passa despercebido à DSN que os homens são um recurso um tanto resistente e difícil de conduzir (infelizmente os homens têm vontade própria e pensam, ainda que nem sempre). É necessário alinhar esses recursos aos Objetivos Nacionais. Para

(5) José Alfredo Amaral Gurgel, op. cit, pág. 100.

esse fim, os ideólogos da Segurança Nacional dispõem do Poder Psicossocial. Basicamente trata-se do uso de tradições, ensino, meios de comunicação para impingir às pessoas a DSN, levando-as a aceitá-la como verdade e a agir em conformidade com ela.

É nesse contexto que a religião e as igrejas entram na DSN. É que para o alinhamento do homem unidimensional "o Moral Nacional" é de suprema importância. Um Moral Nacional alto é indispensável para a realização dos Objetivos Nacionais. Seria perigoso deixar depender esse Moral – que no fundo não é outra coisa do que disposição de sujeitar-se aos Objetivos Nacionais – somente da boa vontade das pessoas. Procura-se algum suporte superior, transcendental. Então, "espera-se da religião que ela tenha presença e ascendência suficiente, na vida social, para que os valores morais e em geral todos os que interessam à vida espiritual do homem e do grupo não fiquem confiados unicamente à boa vontade das pessoas, mas que tenham, numa Divindade, sua inspiração infalível e garantia de triunfo final. Por outras palavras, a fé religiosa é uma convicção da solidez e permanente conexão fundamental dos valores morais com a realidade" (6). Não há dúvida que a realidade, neste caso, é aquela que a DSN constrói. De fato, Deus não é somente brasileiro, mas ainda se identifica com os Objetivos Nacionais.

6. RACIONALIDADE TECNOCRÁTICA:

A DSN gera um estado forte, autoritário, centralizado e opressivo (ou repressivo). Mas além disso, ele é também tecnocrático. A política do Estado da Segurança Nacional é orientada por um triângulo peculiar: num ângulo, os Objetivos Nacionais, os "astros luminosos" que iluminam a vida da Nação. No outro, os militares, guardiães das estruturas, das instituições, do *status quo*, e ao mesmo tempo, através da ESG, os exegetas da DSN; e no terceiro, o governo, como executivo, dotado de grandes poderes, encarregado de realizar os projetos da DSN. Diante desses projetos, todo o patrimônio nacional, ambiente natural, parque industrial, potencial hidráulico, população é considerado como recurso que pode e deve ser aplicado racionalmente em função dos Objetivos Nacionais. Pululam, neste governo, os tecnocratas, os manipuladores, os executivos maleáveis e adaptáveis. Floresce a burocracia, empenhada em avaliar, aplicar, controlar os recursos. Cresce o poder central.

(6) idem, pág. 117.

7. O HOMEM IMPOTENTE:

O resultado é uma grande máquina do estado e dos serviços de Segurança Nacional, inseridos em todos os setores da vida. Mas não é só isso. Já aponte para o fato de que atrás dos Objetivos Nacionais normalmente se escondem os interesses da elite – interesses econômicos, de poder. Surge assim a aliança dos detentores do poder político com os poderosos da economia e da comunicação, a união entre o governo e as multinacionais. As estruturas políticas, econômicas e culturais se complementam em torno de um mesmo objetivo. O processo social torna-se unidimensional. Extinguem-se as opções para grupos, instituições, indivíduos. O homem torna-se impotente diante do poder esmagador das estruturas. O exercício da liberdade individual, sempre defendida, torna-se mais e mais impossível. O profissional liberal é subjugado à máquina das grandes instituições oficiais. O operário, o engenheiro torna-se uma pecinha na grande engrenagem da empresa. O pequeno agricultor, outrora um homem livre, submete-se ao crédito agrícola.

Do homem, nessa situação, apodera-se um profundo sentimento de impotência. Em todos os seus afazeres, em todos os seus projetos, ele se encontra com condicionamentos, obrigações, barreiras intransponíveis. O seu ambiente social e econômico se lhe apresenta como uma força exterior, incontrolável, impositiva, independente e ininfluenciável pela vontade do homem, como um inimigo. A única resposta possível parece ser a sujeição, a adaptação.

Quero exemplificar isto num problema atual. O nosso governo descobriu como inimigo número um da Nação, em 1980, a inflação. O ministro Delfim Neto declarou guerra à inflação, as donas de casa entraram na luta, os açougueiros, os supermercados (conhecem a propaganda da TV da "economia de guerra"?). A inflação aparece como inimigo abstrato, independente, que vem de fora do reino do Mal para destruir o povo brasileiro (de fato, sempre é apontada a origem externa da inflação). Portanto, tem que ser combatido, rechaçado. A inflação torna-se um mito que explica todos os males da sociedade. Mas, devemos perguntar, a inflação não surge de dentro do nosso sistema? Não é o ministro Delfim Neto que comanda a máquina de imprimir dinheiro? Não são os supermercados que fazem os preços? Não é o empresário que aumenta o produto? Perguntas tais, porém, são abafadas; cada um, na sua atitude, se vê compelido pela força dos fatos e joga a responsabilidade adiante. O último, lá bem acima, passa-a aos xeques árabes. E

estes, certamente, a entregam a Alá. Todos, também os mandatários, se apresentam como impotentes diante das forças superiores, incontroláveis.

A bem da verdade tem que ser dito que seria errado culpar a DSN dessa unidimensionalidade do processo social. Trata-se, na realidade, de um desenvolvimento próprio da sociedade industrial. Esta em vez de abrir novos horizontes, colocar novas opções ao homem, está reduzindo as possibilidades de livre escolha de indivíduos e grupos, exigindo em nome do seu bom funcionamento, um condicionamento, uma "socialização" sempre mais perfeita. A DSN não faz mais que expressar esse condicionamento, colocando-o numa base de falsa racionalidade. Representa, assim, um poderoso reforço no caminho para uma sociedade controlada.

II. DSN E EVANGELIZAÇÃO PROTESTANTE

Após essa breve análise da DSN coloco-me a pergunta, como a evangelização protestante se insere neste contexto ideológico. Será necessário, para respondê-la, definir um pouco melhor o que seria a evangelização protestante. Historicamente, parece-me, o objetivo desta evangelização pode ser resumido na frase: Salvar almas, isto é, pessoas no seu aspecto espiritual, e levá-las ao conhecimento da verdade, Jesus Cristo. Salvar as almas significa converter as pessoas do seu ambiente católico-brasileiro, tirá-las do mundo do mal que este representava; levá-las ao conhecimento da verdade, significava transmitir-lhes a reta doutrina e educá-los no espírito do protestantismo, considerado mais avançado que o católico. Explica-se, assim, o grande empenho educacional dos protestantes. Este seria o objetivo histórico, decerto ainda não abandonado. Nos últimos anos surgiu uma nova ênfase (talvez devida à influência pentecostal): Levar as pessoas a experimentar o poder de Cristo. Cristo salva! Cristo cura! Cristo resolve os problemas! É o Jesus Cristo Superstar, vindo ao encontro dos sofrimentos dos homens, individualmente. Os dois objetivos, o histórico e o mais recente, têm em comum a imposição, ao convertido, de uma visão do mundo, ligada a uma nova moralidade. O convertido aprende um novo discurso sobre Deus e o homem. (Rubem Alves, no seu "Protestantismo e Repressão", nos descreve com mestria esta visão do mundo do protestante e a ética conseqüente.) Vejamos como esta evangelização se relaciona com a DSN. Conforme definição da mesma "a religião oferece uma garantia aos valores morais do homem, entendendo-se por tais valores os que presidem a ordem da vida em sociedade". "...a religião é fiadora do cumprimento dos

deveres morais da pessoa..." (7). Em outras palavras, do ponto de vista da DSN a religião está a serviço da ordem social, instrumento para a realização dos Objetivos Nacionais, como já vimos acima. Quero colocar a tese, para fins de discussão, que a evangelização protestante promove justamente isto: oferece uma garantia aos valores morais, no nosso caso, aos preconizados pela DSN, e é fiadora do cumprimento dos deveres morais da pessoa.

Tento desenvolver algumas evidências para esta tese.

1. Em primeiro lugar pode ser mencionada a semelhança dos discursos protestantes e da DSN. Na introdução desta palestra já foi dado um exemplo disto. Conceitos como "paz", "harmonia", "obediência", "corrupção" são comuns nos dois discursos. Eles têm em comum o caráter autoritário. Rubem Alves (8) aponta para o fato de que o discurso protestante entende os fatos visíveis como revelação de Deus, isto é, aceita as estruturas existentes no nosso mundo como fundamentadas na transcendência, o que implica numa intolerância total para com aqueles que interpretam os fatos de maneira diferente. Quem tem a verdade absoluta, não pode ser tolerante. Isso vale para a ideologia protestante como para a DSN. Por conseguinte, tanto a DSN como a igreja protestante perseguem os "hereges". No estado de Segurança Nacional, a corrupção, a fraude, o abuso de mordomias é pecado venal, mas ai de quem ousar duvidar dos Objetivos Nacionais! A sua punição será fulminante. No protestantismo, o fornicador, o adúltero, o ladrão podem ser perdoados, mas ai de quem duvidar da imaculada concepção! Será expulso da comunidade dos crentes.

2. Quando as estruturas são absolutas, a resposta do homem só pode ser a de adaptação. A realidade imutável está aí, a tarefa é levar o homem a aceitar esta realidade e realizar-se da melhor maneira possível dentro dela. Estudos feitos sobre a evangelização protestante revelaram, quão eficiente esta é neste aspecto. O converso assume, através da socialização religiosa, dentro da comunidade, uma ética nova, rígida, de moralidade e responsabilidade pessoal que o qualifica a exercer com maior êxito o seu papel de operário, funcionário, gerente, comerciante etc. Este se torna um elemento mais valioso do "poder econômico" aplicado para realizar os Objetivos Nacionais. Já nos anos de 50 o sociólogo Emílio Willems apontou para o fato que os empresários paulistas davam preferência a funcionários protestantes, por serem mais eficientes,

(7) *idem*, pág. 116.

(8) *Protestantismo e Repressão*, (São Paulo 1979), pág. 167.

mais confiáveis, menos revoltados. O bom protestante aceita a sua situação de classe como destino e vê no seu superior o representante da ordem divina. Como diz aquele empregado pentecostal: "Quando um crente começa a trabalhar, começa quieto, vai trabalhando, trabalhando, sempre procurando fazer o serviço melhor, até que o patrão goste e melhora a situação dele. É uma recompensa de ser bom crente".

O converso protestante sujeita-se à vontade de Deus — o que muitas vezes não significa outra coisa que aceitar as regras do jogo dessa nossa sociedade competitiva e desigual. Essa sujeição é premiada, muitas vezes, com progresso econômico individual, que reforça, então, a fé na bênção de Deus.

3. Explícitei em cima que a DESG na verdade promove a insegurança. Alimentando-se da suposta ameaça permanente do comunismo, ela fomenta o medo coletivo. A sensação de impotência, presente nas pessoas, contribui ainda mais para criar uma situação de angústia. E é a angústia que, conforme análise de Rubem Alves, proporciona o clima adequado para a conversão oferecida pelo protestantismo.

A mesma sensação de impotência, própria das pessoas da nossa sociedade, favorece a evangelização protestante também em outro sentido. Observa-se que os homens, impelidos pela sensação de não poder mudar e melhorar nada, fogem para a religiosidade, para um novo misticismismo que surge "da sensação de não se sentir em casa naquilo que era antes considerado como familiar, abrangente, total, real" (9). Em outras palavras, os homens, presos dentro das estruturas unidimensionais do seu ambiente social, fogem para um mundo místico, separado do mundo real, diferente, acolhedor, que promete realização plena e compensatória. Surge assim a comunidade dominical, o círculo bíblico, o grupo carismático, muito ativos e gratificantes em termos religiosos, mas inoperantes em termos do ambiente social em que as pessoas vivem. Os que integram estes grupos, conscientes da sua falta de poder na vida real, tornam-se fortes e poderosos através de sua união com Jesus Cristo. O entregar-se a Jesus torna-se a solução de todos os problemas — e muitas vezes é de uma maneira terapêutica e adaptativa.

4. Ainda outro paralelismo deve ser traçado entre a doutrina protestante e a DSN. A última, como já tentamos mostrar, surgiu em defesa das estruturas sociais vigentes. Não pretende, portanto,

(9) Rubem Alves, *O Enigma da Religião* (Petrópolis 1975), pág. 110.

revolucionar o *status quo*, na sua essência, apesar de permitir pequenas reformas. Está, por conseguinte, mais empenhada em formar o homem, adaptá-lo, doutriná-lo para que ele sirva a essas estruturas. O mesmo posicionamento encontramos na doutrina protestante. Também esta não visa uma transformação das estruturas. Ao protestante normalmente falta a visão estrutural. As estruturas para ele são o mundo, aceito acriticamente. E quando a sua ideologia inclui uma condenação ao mundo, mau por definição, então essa condenação só esconde a aceitação acrítica. Aceitas as estruturas sociais, só resta modificar os indivíduos. "Converta-se o indivíduo e a sociedade será boa" é a máxima da ética social protestante. A evangelização protestante é profundamente moralista. E inversamente, a raiz dos males da sociedade nunca está nas estruturas; está na moral dos homens, é a maldade dos homens, a sua corrupção a responsável pelos sofrimentos pela injustiça, pela desigualdade. "É no campo moral e espiritual que reside a mais profunda crise do mundo contemporâneo..."

CONCLUSÃO

Os paralelos que traçei aqui entre a DSN e ideologia protestante sem dúvida deveriam ser aprofundados e analisados melhor. Para fazer isso, faltam-me tempo e condições. Mas acho que juntei evidências suficientes para mostrar que a evangelização protestante muito bem pode servir aos propósitos da DSN, e realmente serviu. Não seria difícil encontrar exemplos históricos para este fato no protestantismo brasileiro (a caça aos "comunistas" na Igreja Presbiteriana e Batista). Igualmente pode-se dizer que há uma certa afinidade entre as duas ideologias que permite uma atuação e crescimento paralelo e sem conflitos. Enquanto perdurar a DSN, a evangelização protestante florescerá (deve ser por isso que em certos círculos protestantes, nas orações, se agradece tão fervorosamente "a liberdade de viver a nossa fé"). Será exagerado falar de uma simbiose, mas não há como negar que DSN e evangelização protestante se complementam. Deve-se acrescentar aqui que o problema dessa complementação existe igualmente na igreja católica. Pois é, dirão agora os leitores, é bem possível que seja assim. Vamos então reconhecer os nossos erros e elaborar um conceito de evangelização mais adequado, mais crítico, mais coerente com o Evangelho. O problema, porém, não pede conceito, não é de definição. A evangelização não mudará através de uma

simples formulação. A evangelização realizada por uma igreja sempre acontecerá dentro de um contexto social e será uma resposta às necessidades, às ânsias dos homens que vivem neste contexto. Concretizando, se os homens buscam compensação, esquecimento, mistificação e um destino transcendental através da religião, eles não serão atraídos por uma evangelização que pretende abrir os seus olhos para a realidade social. Então, o agente evangelizador facilmente se adaptará às expectativas ou surgirão outros que as satisfazem. É que a raiz do mal não está no programa de evangelização, mas nas estruturas da sociedade, e estas condicionam os projetos de evangelização e seus efeitos. Não quero dizer com isto que é inútil pensar, discutir o conceito de Evangelização. Quero, isto sim, apontar para o fato que a ação evangelizadora das igrejas não se define somente a partir de conceitos elaborados por teólogos, pastores ou grêmios, mas também a partir da conjuntura social e política, dentro da qual as igrejas atuam. Em outros termos, chamo a atenção para o fato de que, no processo social, as intenções de certos programas não correspondem necessariamente às funções. Em outras palavras, o que se quer não é necessariamente o que se realiza.